

QUE MULHERES VOCÊ É? NARRATIVAS DE SI ENTRE MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE NO ÂMBITO DO PROJETO MULHERES POSSÍVEIS

■ VÂNIA MEDEIROS

<https://orcid.org/0000-0002-7102-1023>

Universidade de São Paulo

■ VERÔNICA VELOSO

<http://orcid.org/0000-0003-0156-8872>

Universidade de São Paulo

■ LETICIA OLIVARES

<https://orcid.org/0000-0002-5252-6632>

Universidade de São Paulo

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre os dispositivos narrativos desenvolvidos durante os Laboratórios de criação, no âmbito do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento. O trabalho é realizado através de ações artístico-pedagógicas em diversas linguagens – teatro, performance, música, escrita e desenho –, com mulheres em situação de cárcere na Penitenciária Feminina da Capital (PFC), em São Paulo, desde 2016. O objetivo desta análise é identificar de que maneiras essas práticas estimulam o desenvolvimento de narrativas de si entre as mulheres encarceradas e a contribuição destas no debate público sobre o encarceramento feminino no Brasil.

Palavras-chave: Encarceramento feminino. Arte. Educação. Narrativas de si.

ABSTRACT

WHAT WOMEN ARE YOU? SELF NARRATIVES AMONG INCARCERATED WOMEN IN THE FRAMEWORK OF THE POSSIBLE WOMEN PROJECT

This article seeks to reflect on the narrative devices developed during the “Laboratórios de criação”, within the scope of the *Possible Women project: body, gender and incarceration*. The work is carried out through artistic-pedagogical actions in different languages - theater, performance, music, writing and drawing - with imprisoned women in

the Women's Penitentiary of the Capital, in São Paulo, since 2016. This analysis seeks to identify in what ways these practices stimulate the development of self-narratives among incarcerated women and their contribution to the public debate on female incarceration in Brazil.

Keywords: Female incarceration. Art. Education. Self-narratives.

RESUMEN

¿QUÉ MUJERES ERES? AUTONARRATIVAS ENTRE MUJERES ENCARCELADAS EN EL ÁMBITO DEL PROYECTO MUJERES POSIBLES

Este artículo busca reflexionar sobre los dispositivos narrativos desarrollados durante los “Laboratórios de criação”, en el ámbito del proyecto *Mujeres Posibles: cuerpo, género y encarcelamiento*. El trabajo se realiza a través de acciones artístico-pedagógicas en diferentes lenguajes - teatro, performance, música, escritura y dibujo - con mujeres encarceladas en la Penitenciaría de Mujeres de la Capital, en São Paulo, desde 2016. El objetivo de este análisis es identificar de qué manera estas prácticas estimulan el desarrollo de autonarrativas entre las mujeres encarceladas y su contribución al debate público sobre el encarcelamiento femenino en Brasil.

Palabras clave: Encarcelamiento femenino. Arte. Educación. Auto-narrativas.

Introdução

Muchas veces mientras tomo una ducha llo-ro tanto y solo dejo que mis lágrimas corran. Otras veces veo como la lluvia cae y mientras me mojo aún me siento viva. Escrita de Mónica. (MOREIRA et al., 2019, p. 94)¹

Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento é um projeto artístico-pedagógico realizado desde 2016 em colaboração com mulheres em situação de cárcere, egressas, artistas e pesquisadoras na cidade de São Paulo.² O programa é composto por ações presenciais internas – que até o momento se desenvolve-

ram na Penitenciária Feminina da Capital (PFC) –, associadas a ações públicas externas. O trabalho também envolve a elaboração de publicações impressas distribuídas dentro e fora de instituições carcerárias. Neste artigo, analisaremos o trabalho dentro da unidade prisional, composto de proposições criativas em diversas linguagens – teatro, performance, música, escrita e desenho –, buscando identificar de que maneiras essas práticas estimulam a conformação de narrativas de si entre as mulheres encarceradas e a contribuição destas no debate público sobre o encarceramento feminino no Brasil.

Davis (2020) destaca a importância dos escritos em primeira pessoa, realizados por mulheres e homens encarcerados, para a discussão em torno do sistema prisional. A filósofa

1 Escolhemos manter nas citações deste artigo apenas o primeiro nome das autoras como foi feito no livro homônimo ao projeto, lançado em 2019. Algumas mulheres desejaram não registrar seus nomes completos nos créditos dos textos e imagens. Decidimos, então, preservar a identidade nominal de todas.

2 O projeto é coordenado pelas artistas Beatriz Cruz, Letícia Olivares, Sandra-X e Vânia Medeiros.

aponta que muitas e muitos dos autores em situação de cárcere descobrem o poder emancipatório – a nível pessoal e de documento histórico – da escrita, por conta própria, se autoeducando, ou em programas educacionais nas prisões, que são desenvolvidos muito aquém do que seria necessário. Na experiência do projeto Mulheres Possíveis, o gesto escrito é proposto, mas se alia também a outras linguagens – desenhada, encenada, cantada –, agenciadas através de dispositivos narrativos diversos que foram sendo construídos no percurso dos encontros.

Ao analisar a produção de saberes que se instituem por meio das corporeidades – tomando como referencial a contribuição das sociedades africanas que alicerçaram a cultura brasileira – Leda Maria Martins evidencia em nossa formação a “pléiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, que foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura” (MARTINS, 2021, p. 22-23). Desse modo, entende-se também como instrumentos mnemônicos a oralidade e os aprendizados do corpo nas suas diversas manifestações. Reconhecendo esta abrangência dos muitos repertórios de pensamento e suas formas de transmissão, as práticas narrativas propostas no âmbito do projeto Mulheres Possíveis têm no texto escrito grande importância, porém não o toma como central ou hierarquicamente superior. É articulada no processo artístico-pedagógico uma multiplicidade de formas expressivas, mobilizadas e potencializadas através do discurso falado, em rodas de conversas que buscam, para além das competências grafadas “alfabeticamente”, inscrever no coletivo as vivências “encorpadas” (MARTINS, 2021, p. 36). Essas rodas atualizam as produções individuais em relatos que atravessam tanto as próprias construções biográficas de cada uma, quanto aspectos que as unem socialmente como questões de gênero, raça e

classe. Carla Akotirene (2020) destaca a importância da oralidade e do resgate das memórias pessoais na reabilitação das subjetividades das mulheres em situação de cárcere, “colaborando na dimensão política, dando significação aos discursos pessoais dessas mulheres e reconstruindo identidades femininas” (AKOTIRENE, 2020, p. 25).

Existe uma vasta literatura produzida por e sobre pessoas encarceradas no Brasil. Entretanto, como aponta Denise Carrascosa (2015), são publicações que se debruçam sobre as violências subjetivas vividas por essas pessoas. Nas palavras da autora, “só se pode falar onde não se pode viver. Autorizada está apenas a fala do quase morto, do sobrevivente, o seu ‘testemunho’, dispositivo que lhe constitui como gente, é o que lhe devolve a uma espécie de existência afirmativa” (CARRASCOSA, 2015, p. 14). Na medida em que outros lugares expressivos são atravessados, é flagrante o desinteresse por fazer eco a essas vozes. No âmbito do trabalho analisado, as produções das mulheres presas revelam também, para além do luto imposto pela tragédia do cárcere, técnicas de subjetivação que inventam escritas de si – e “políticas de si” (CARRASCOSA, 2015, p. 161) – nas circunstâncias mais constritivas, expressando corpos pulsantes e desejos afirmativos.

O meu sorriso é tão grande quanto o Rio Negro. Falar do Rio Negro é simplesmente falar de imensidão, de tesouros, de força, coragem sem limites... Nosso lindo e formoso Rio Negro nos traz um grande segredo onde os botos cor-de-rosa passeiam e trazem a magia do encontro com suas histórias do boto bravo, encantador, aquele que vira homem para seduzir as mulheres com todo seu encanto e depois simplesmente desaparecem. Lá também esconde-se a cobra Boiuna Sucuriju, a grande fera que surge do nada, corre no corpo um arrepio, o sangue nas veias fica frio, com seus olhos de fogo que encandeiam os pescadores que nele vagueiam. Grande mistério de força e coragem de um grande encontro, o encontro das águas, onde

elas se abraçam, se tocam, mas não se misturam. O Rio Negro com todos os seus mistérios e o Rio Branco com sua grandeza e volume, cada um com seu jeito, ph e acidez diferente... Quando me deparo, vendo a tão grande Existência deste lindo rio, me ponho a pensar, assim é meu sorriso, sem limite. Contemplar essa enorme obra feita por Deus é simplesmente um encanto que me remete a um belo sorriso que refrigeraria a alma. Escrita de Eliane (MOREIRA et al., 2019, p.51)

O processo artístico-pedagógico em questão tem como preocupação central promover ambiências que reafirmam, junto às participantes, sua “ontológica vocação de ser sujeito”, sua aptidão para, subjetivamente, “ser mais” (FREIRE, 2018, p. 53). Aquilo que é produzido esteticamente, cada fabulação escrita, desenhada, teatralizada é partilhada coletivamente, no intuito de que seja possível às mulheres se ver e se reconhecer mutuamente como sujeitos potentes, em permanente construção de si.

Nesse sentido, parece oportuno localizar o projeto Mulheres Possíveis dentro das discussões acerca da “ação cultural”, noção amplamente discutida por autores como Paulo Freire, Teixeira Coelho e Francis Jeanson. Em consonância com esses autores, podemos afirmar sobre os objetivos da ação cultural:

Contribuir para que o ser humano amplie suas modalidades de existência, sem, no entanto, estabelecer a direção a ser seguida é uma das diretrizes-chave; não são estabelecidas a priori as finalidades a serem buscadas, cabendo ao grupo inventar seus próprios fins. Reconhece-se aqui um nítido posicionamento político dentro do qual a conquista da autonomia pelo cidadão ocupa lugar de proa.

Seja como for, no primeiro plano o que se enfatiza é o encontro, o diálogo, a confrontação e a troca de sentidos entre os participantes; a produção simbólica do grupo é ao mesmo tempo a fonte e o recurso básico da ação cultural e das ações mais diretamente artísticas que dela derivam. (PUPO e VELOSO, 2019, p.7)

Trata-se, portanto, de uma ação que articula práticas artísticas, pedagógicas e políticas de modo continuado, endereçada a uma população específica e profundamente vinculada ao território no qual se insere. Tal abordagem permite que as mulheres envolvidas no projeto, de forma mais ou menos contínua, se reconheçam como sujeitos capazes de agenciar não somente saberes relacionados à criação artística, como também reflexões e outras ações dentro das penitenciárias, contexto em que se encontram em uma condição necessariamente temporária.

Os Laboratórios de criação

Figura 1 – Fotos dos Laboratórios de criação realizados na PFC





Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

Em 2018, o projeto, que até então era desenvolvido majoritariamente de maneira voluntária, foi aprovado no edital Rumos³ do Itaú Cultural e o trabalho pôde amadurecer suas diretrizes artístico-pedagógicas por meio de um desenvolvimento mais contínuo. Foi possível trazer convidadas para enriquecer os encontros, que nesse contexto passam a se chamar Laboratórios de criação (Lab_). No âmbito do projeto aprovado pelo edital, foram realizados quatro Laboratórios de criação, sendo eles o Lab_Caderno de campo, Lab_Performance, Lab_Culinária e o Escambio poético. Os Lab_ foram divulgados na PFC através de cartazes colocados nos pavilhões e as inscrições das interessadas foram realizadas com a mediação da administração. Em cada um deles, participaram de 15 a 25 mulheres, dos três diferentes pavilhões da PFC, brasileiras e estrangeiras (em sua maioria, latino-americanas e africanas). Os Lab_ não aconteceram de maneira simultânea, e sim sequenciada, cada um com duração de dois a três meses, ao longo do ano de 2019.

Os Lab_ se estruturaram na forma de oficinas artísticas. Como afirmam Anastasiou e Alves (2012, p. 103), a oficina caracteriza-se como

uma modalidade do fazer pedagógico em que o território de construção e reconstrução do conhecimento se conforma mediante a criação de um espaço de trocas que se pretendem o mais horizontais possíveis. Pode-se lançar mão de inúmeros recursos disparadores dessas trocas como músicas, textos, observações diretas, pesquisas de campo, práticas corporais etc. e a mobilização de cada participante afeta diretamente todo o plano coletivo. O desígnio das ações é sempre a complementaridade, nunca a competitividade. A partilha – momento de falar e mostrar – funciona como um aglutinante que conecta as partes e faz ver os pontos de amarração entre elas. É, também, próprio desse formato a materialização das produções ao final das atividades, aspecto que, no contexto dos Lab_, gerou mostras abertas e exposições internas e externas à unidade prisional em diversos formatos.

Figura 2 – Fotos de apresentação do Lab_Performance na PFC



Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

³ Programa do Instituto Itaú Cultural de apoio a projetos culturais em diversas linguagens em âmbito nacional. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/conheca-o-rumos>. Acesso em: 27 nov. 2021.

Na medida em que os Lab_ buscaram instaurar um espaço e um tempo partilhados através do acolhimento recíproco a processos de memória e invenção, é possível considerá-los como “territórios relacionais temporários”, expressão da psicanalista Suely Rolnik. Segundo a autora:

Nesses territórios se produzem sinergias coletivas, provedoras de um acolhimento recíproco que favorece os processos de experimentação de modos de existência distintos dos hegemônicos, valorizando e legitimando sua ousadia. Tais experiências coletivas tornam mais possível o trabalho de travessia do trauma resultante da operação perversa do regime colonial-capitalístico que confina as subjetividades nas formas e valores dominantes, marcadas pela expropriação do movimento pulsional (ROLNIK, 2018, p. 141).

Dentro da unidade prisional, cujos limites disciplinares e coercitivos são rigidamente demarcados, o trabalho se defrontou com possibilidades mínimas de interferir na dimensão estrutural objetiva do cárcere. A presença ostensiva e pervasiva da polícia, não apenas no âmbito tangível, visível, mas também profundamente imiscuído nos corpos, coreografando cada movimento individual e coletivo, cria a ilusão de um ambiente homogeneizado e de subjetividades controladas. Nos territórios relacionais temporários dos Lab_, as práticas de corpo e espaço instauraram uma “coreopolítica” (LEPECKI, 2012) que, naquela temporalidade, rompeu com o espaço controlado e buscou engendrar um chão de “acidentes, rachaduras e cicatrizes de historicidade” (idem, p. 56). Durante os encontros, foi permitido às artistas-educadoras ficarem sozinhas com as participantes, sem a presença de guardas ou agentes, o que proporcionou um ambiente descontraído, livre da supervisão à qual estão acostumadas quase que em todos os momentos. Nesse livre pisar temporário, podemos refletir, acompanhando Lepecki, que estiveram

em latentes territórios nos quais desenhou-se a possibilidade de fabular “o delírio policial da circulação cega e sem fim ser sabotado” (LEPECKI, 2012, p.56).

Barros e Kastrup (2009) propõem considerar oficinas de práticas artísticas como dispositivos. Michel Foucault (1979) define dispositivo como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Ao comentar esta definição de Foucault, Deleuze (1999) descreve os dispositivos como novelos, conjuntos multilineares e afirma que se constituem como “máquinas que fazem ver e falar” (DELEUZE, 1999, p. 155), conformando, desse modo, “regiões de visibilidade e campos de dizibilidade” (KASTRUP e BARROS, 2009, p. 78). Giorgio Agamben (2009), por sua vez, propõe uma ampliação do já abrangente conceito, considerando dispositivo como qualquer coisa que tenha, de alguma forma, “a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Desse modo, o termo inclui não somente as grandes instituições como as prisões, os manicômios, as escolas, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., que possuem ligação direta com as instâncias de poder formal, mas também, “a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a própria linguagem [...]” (AGAMBEN, 2009, p. 41).

Podemos considerar os Lab_ enquanto dispositivos uma vez que, como afirmam Kastrup

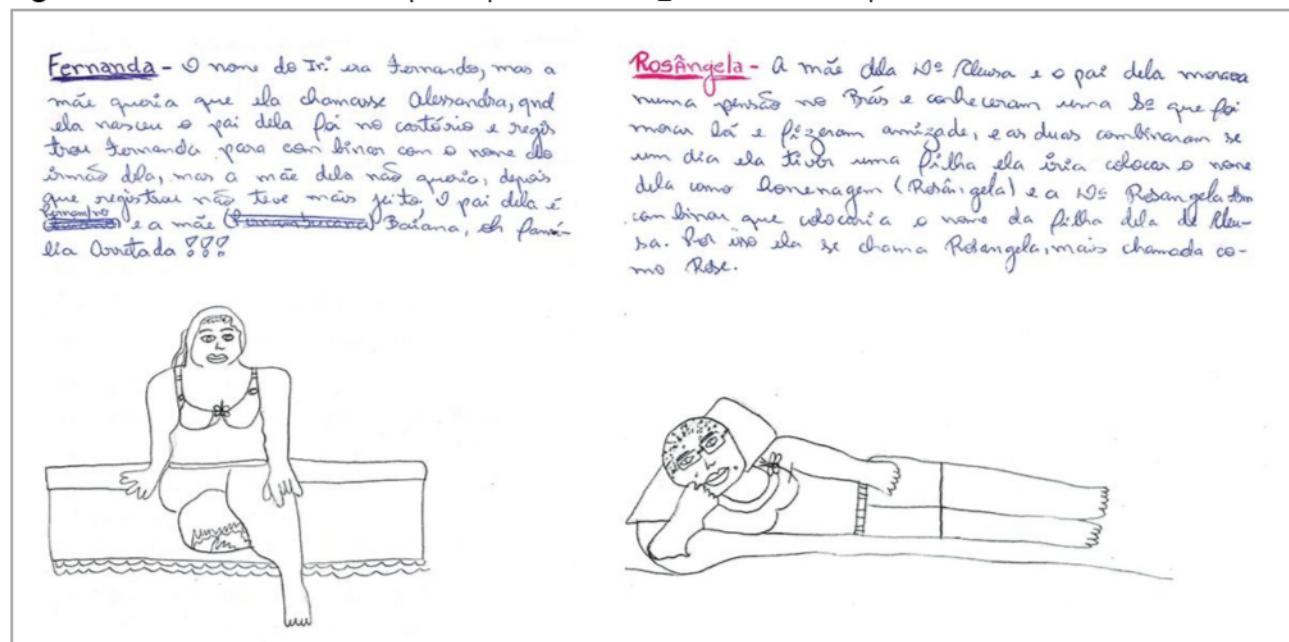
e Barros (2009, p. 90), o que os caracteriza é sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado para a criação, é seu teor de liberdade em se desfazer dos códigos estanques e pré-estabelecidos. Em seu objetivo de instaurar lugares seguros de visualização e enunciação para mulheres dentro do cárcere, os Lab_ desdobram concretamente outros dispositivos de narratividades, locais, numa dinâmica análoga à série de bonecas russas que configura “dispositivos dentro de dispositivos” (BARROS; KASTRUP 2009, p. 79). Nesse contexto, é gerada uma ambiência em constante movimento, na qual conceitos estanques mudam de lugar, conexões são feitas e refeitas num campo de afeição e confiança. Em suma, os Lab_ são estruturados com o objetivo de fazer ver e falar coletivos de mulheres encarceradas e, para tal, são articulados inúmeros dispositi-

vos e procedimentos narrativos situados, que operam de maneira transversal, sobre os quais discorreremos a seguir.

Os Lab_ e seus dispositivos narrativos

No Lab_Caderno de campo, procura-se ter como eixo a investigação do que é definido como “narrativas do real”. O principal dispositivo nesse processo são os cadernos de campo, com textos e desenhos feitos a partir de situações cotidianas vividas por cada uma, buscando ilustrar pequenos e ordinários acontecimentos da vida. Os procedimentos destinados ao caderno consistiram em provocações como: entrevistar uma companheira de cela ou de pavilhão, desenhar seus objetos pessoais, representar o que conseguiam ver da própria janela etc.

Figura 3 – Desenhos de uma das participantes do Lab_Caderno de campo

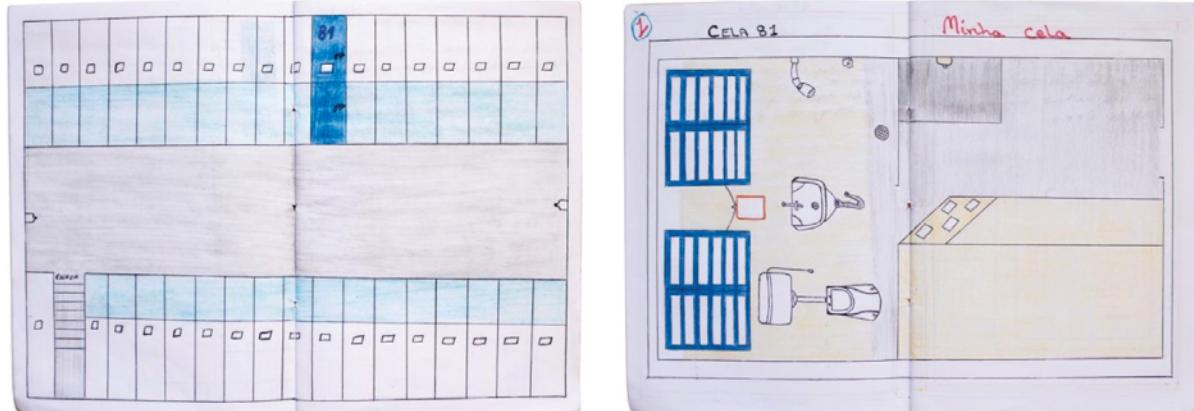


Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

O termo “caderno de campo” é tomado de empréstimo da etnografia, uma vez que a ideia é evidenciar essas mulheres como observadoras e narradoras ativas da realidade em que vivem. No processo, os textos e imagens produzidos operam na dimensão

do autoconhecimento, valendo-se do aspecto terapêutico da escrita e do desenho, bem como as colocando no lugar de micro-historiadoras, uma vez que registram o tempo-espacó em que vivem a partir de seu olhar único.

Figura 4 – Desenhos de uma das participantes do Lab_Caderno de campo



Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

Embora o Lab_Caderno de campo seja focado na produção dos cadernos, esse dispositivo opera de maneira transversal em todos os outros Lab_ uma vez que, acompanhando o pensamento de Anastassakis e Szaniecki (2016), o caderno, no processo dos encontros, pode ser entendido como um importante “dispositivo de conversação”. Isso se observa já que funcionam como suportes para imagens através das quais foram estabelecidas conversas que possibilitaram um crescente engajamento de cada participante no processo. Na medida em que as imagens eram partilhadas em roda, cada membro do grupo foi ganhando confiança nas próprias maneiras de representar suas rotinas, memórias e pensamentos em texto e desenhos, ultrapassando as inseguranças nas maneiras de narrar.

No Lab_Performance, a pergunta “Que MulherES você é?” é usada como mote para conversas e criações de pequenas performances. Ao longo dos encontros, foram articulados exercícios corporais e vocais ao trabalho com diferentes caracterizações. Um dispositivo narrativo de grande importância no contexto deste Lab_ foi a vestimenta. Uma mala com roupas, como casacos, vestidos, camisas, camisetas, gorros, chapéus, óculos, saias, calças etc. era levada para dentro da unidade prisional, com peças de diferentes modelos, cores, tamanhos, identificadas tanto com o que se

costuma nomear como feminino quanto masculino. Peças que se opõem ao branco e bege do uniforme da penitenciária. Peças que compõem a lista de roupas proibidas em dias de visita. Mobilizar o dispositivo-roupa articulou a ideia de que os trajes são prolongamentos do corpo e que têm um papel na construção de nossa identidade (ou dissolução dela).

Figura 5 – Encontros do Lab_Performance



Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

Como afirma Leda Maria Martins, as vestimentas e o modo de vestir estão embebidos de valores, produzem imagens, moldam e desenham ambientes, evidenciando aspectos dos corpos individuais e coletivos. Nas palavras da autora:

A composição vestuária é veículo de mensagens, pode expandir ou inibir os movimentos, subordinar ou ampliar os limites das ações físicas; flexibilizar ou restringir os movimentos e posições; facilitar ou conter os passos e os bailados, imprimir dinamismo ou modelar as rítmicas casadas com as musicalidades, impingir comportamentos, dar abrigo ou censurar deleites. Assim como as feições, o vestuário molda e esculpe o corpo. (MARTINS, 2021, p.104)

O uso das vestimentas como dispositivo busca reafirmar o corpo como “ambiente de inscrição de grafias do conhecimento” (MARTINS, 2021, p. 79), capaz de ativar memórias e invenções de si, manifestas em composições de falas e movimentos íntimos, que irradiam no coletivo. Ao manusear, vestir e encenar trajes que fabulam e rememoram estados de corpo, o grupo de mulheres respondeu performaticamente à pergunta norteadora e experimentou outros modos de ser e estar que reagem à organização disciplinar do corpo que o uniforme impõe.

Figura 6 – Escrita em caderno de participante do Lab_Performance

Hoje eu apredi a ser livre, com esta roupa eu me sinto pronta para ir a luta sem medo de vencer as barreiras.

Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

O Lab_Culinária aconteceu na cozinha existente na PFC, mediante autorização da adminis-

nistração. O principal dispositivo nesse Lab_ foi o próprio alimento, cuja feitura foi a isca para abordar questões sobre corpo e gênero de maneira ampla. Como afirma a geógrafa Yamila Goldfarb em seu texto no livro do projeto (MOREIRA et al., 2019), grande parte da população brasileira que se encontra em situação de insegurança alimentar está dentro dos presídios, ou seja, sob tutela do Estado. São mulheres jovens, idosas, gestantes e lactantes que vivem no que se pode chamar de “desertos alimentares”, ou seja, regiões onde só se encontram industrializados e ultraprocessados (idem, p. 163). Embora o Lab_ não tenha sobrepujado as restrições nutricionais vividas pelas participantes no contexto do cárcere, nos territórios relacionais temporários na cozinha, buscou-se pensar o corpo através do alimento, vendo-o também como um elemento de empoderamento e de cultura. Esse Lab_, que foi ministrado pela chef vegetariana Govinda Lilamrtá, serviu, ainda, como uma instância “profissionalizante” de maneira mais objetiva, na medida em que elas acessaram informações acerca dos ingredientes, receitas vegetarianas e nichos de mercado. Todas receberam um certificado após o curso.

As participantes entraram em contato com ingredientes que não viam há muito tempo e, naquele espaço-tempo, tiveram a oportunidade de, além de nutrir-se, rememorar, ativar conhecimentos há muito tempo abafados, gerando narrativas surpreendentes entre as mulheres do grupo. É importante ressaltar que muitas das participantes são estrangeiras, o que enriqueceu enormemente o olhar sobre o alimento como parte da cultura.

Estou privada da minha liberdade, no sistema carcerário, há treze anos. Passei seis anos na penitenciária de Santana, onde a alimentação era horrível. O alimento não era feito com amor, afeto. Fui parar no Mato Grosso do Sul e fiquei um ano dentro do sistema prisional, lá. A comida era melhor. Dava apetite, vontade de comer.

Estou há seis anos na PFC. A alimentação era muito ruim, sem afeto. Em 2019 mudou. Sinto vontade de comer. O curso de culinária me deu outra visão de alimentação. A culinária com amor traz alegria de se alimentar. Vontade de colocar um bom prato à mesa e ter visitantes, compartilhar com amigos e parentes. É lindo se alimentar com amor. Texto de Cilceli (MOREIRA et al, 2019, p. 174)

Por fim, o Escambo poético consistiu em uma troca de cartas entre mulheres dentro e fora dos muros. As cartas são o principal dispositivo nesse Lab_ e elas são produzidas con-

siderando mais do que a sua dimensão textual. A proposta é comunicar afetos a partir das sensações daquele objeto produzido manualmente. Desse modo, são utilizados papéis de cores e texturas diversas, pedaços de tecido, lápis coloridos etc., o que também possibilita envolver mulheres que têm dificuldade com a escrita de se expressar e apropriar-se daquela construção narrativa pessoal. Nos encontros do “Escambo poético”, são discutidos textos poéticos e políticos que se relacionam com a situação do corpo feminino no cárcere.

Figura 7 – Imagens do Escambo poético dentro e fora da Penitenciária (2019)



Fonte: acervo do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento.

Ao se mobilizarem em torno das linguagens artísticas propostas, as mulheres *se criam* – e, no limite, *se cocriam* – uma vez que abrem espaço para a autoexpressão, bem como para a escuta umas das outras, acessando memórias pessoais e partilhadas, mobilizando, ao mesmo tempo, desejos potencializadores. Suely Rolnik afirma que:

A reapropriação da pulsão depende de reapropriar-se igualmente da linguagem (verbal, visual, gestual, existencial etc.), o que implica em habitar a linguagem nos dois planos que a compõem: a expressão do sujeito e a do ‘fora-do-sujeito’ que lhe dá movimento e a transforma. [...] Nesse processo de experimentação – em que se criam palavras, imagens, gestos, modos de existência, de sexualidade etc., os mundos ainda em estado larvar que se anunciam ao saber-do-vivo tornam-se sensíveis. (ROLNIK, 2018, p. 132)

Do mesmo modo, na medida em que escrevem, desenham, registram de maneira sistemática o território no qual estão inseridas, as participantes produzem conhecimento, geram um potente arquivo de reflexões e imagens sobre o cárcere. Em consonância com o ideário da ação cultural preconizado por Paulo Freire, Carla Akotirene (2020, p. 35) propõe considerar as mulheres encarceradas como intelectuais, acompanhando o pensamento do feminismo negro, que leva em consideração o olhar para as relações comunitárias que as mulheres negras – maioria na população carcerária brasileira – estabelecem, atreladas de maneira orgânica a seu legado de uma história de luta. Margareth Rago (2019, p. 385), por sua vez, em texto que debate as epistemologias possíveis dentro de uma historiografia feminista,

afirma que, no âmbito desta, deve-se ter em conta que a teoria segue a experiência e não o contrário. Isso gera uma des-hierarquização dos “temas” e mesmo dos sujeitos que devem ser considerados pela produção do conhecimento. Nas palavras da autora, “delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade” (RAGO, 2019, p. 380). Não se busca, portanto, através desse paradigma, produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas.

As publicações

Já foram produzidos pelo grupo três impressos, com tiragem entre 1 mil e 5 mil exemplares. São eles: o livro *Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento* (2019); o *Livro de atividades mulheres possíveis* (2020) e o zine *Conversas possíveis, palavras para atravessar muros* (2021).⁴ As publicações no contexto do projeto Mulheres Possíveis são o momento em que o trabalho, ao mesmo passo que sistematiza e divulga procedimentos de sua pedagogia em processo, convoca ao debate público – dentro e fora dos muros – sobre o encarceramento feminino no Brasil.

O exercício de publicar exige das artistas educadoras o estabelecimento de uma política de narratividade. Passos e Barros (2009, p. 150) afirmam que as políticas de narratividade não podem ser encaradas de maneira desarticulada das políticas que estão em jogo nos processos como um todo. Toda produção de conhecimento, afirmam, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente – entendendo política em sentido ampliado, e não de maneira restrita ao domínio específico das práticas relativas ao Estado.

⁴ As publicações podem ser baixadas na íntegra através do link: <http://vaniamedeiros.com/mulheres-possiveis>.

O processo de produção desses impressos acompanha processos de convivência e discussões encarnadas, vividas e não abstratas. Procura apreender movimentos em determinados territórios existenciais e não representar estados de coisas de maneira estanque. Entendidos desse modo, os impressos no contexto do projeto Mulheres Possíveis não funcionam como nenhum tipo de apresentação de resultados ou indicação de diretrizes formatadas em relação ao trabalho em prisões e a situação do encarceramento no Brasil.

Em concordância com o pensamento de Carrascosa (2015), entendemos os livros e zines não necessariamente como um trabalho que busca visibilizar apenas o luto decorrente da tragédia do encarceramento na vida das mulheres, que envolve uma noção de perda subjetiva e mesmo desumanização, mas “como um dispositivo de suplementação subjetiva e afirmativa, errática e divergente, desviante do lugar de morte em que o mecanismo de aprisionamento posiciona os corpos que submete” (CARRASCOSA, 2015, p. 15). As publicações constituem-se, portanto, enquanto uma plataforma pública para as narrativas de si, projetando-as para fora do âmbito fechado do grupo. Através dele, os atravessamentos e aprendizados se voltam para a rua e para outras mulheres dentro dos muros.

Conclusão

Este artigo buscou analisar o modo de funcionamento dos Lab_ desenvolvidos no âmbito do projeto Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento, através de uma leitura que os identifica como dispositivos, na medida em que funcionam como territórios de visibilização e enunciação para mulheres em situação de cárcere. De modo similar, reconhecemos esse projeto como imerso no campo da ação cultural, uma vez que convida as mulheres participantes a tomarem consciência de si

mesmas, investindo em suas subjetividades e reconhecendo-se como capazes de inventar e cultivar outros mundos possíveis.

O relato de experiências de oficinas artísticas em prisões nos ajuda a pensar nesse tipo de dispositivo como forma de promover espaços de confiança e fortalecimento para mulheres encarceradas. Além disso, pode-se afirmar que iniciativas como essas possibilitam a ampliação dos modos de visibilidade de uma população amplamente estigmatizada e comumente identificada somente aos supostos crimes cometidos. Os Lab_ e as publicações revelam uma dimensão humana inerente a toda e qualquer pessoa que se conecta com sua subjetividade, que se propõe a comunicar-se e a expressar-se criativamente. Talvez tais iniciativas colaborem para a revisão e ampliação das políticas públicas direcionadas a pessoas encarceradas e egressas do sistema prisional. Fundamentadas nas reflexões apresentadas nos escritos de pensadoras como Angela Davis, Carla Akotirene, Denise Carrascosa, Leda Maria Martins, entre outras, buscamos identificar de que maneira os relatos em primeira pessoa, através de diferentes linguagens criativas, têm o potencial de contribuir para o debate público sobre o encarceramento feminino no Brasil.

Por fim, buscamos observar – a partir da experiência do projeto analisado – a relevância da publicação de materiais escritos, desenhados e narrados em diversas linguagens por mulheres presas em publicações impressas, distribuídas dentro e fora dos muros, como plataforma de visualização dessas produções. Procuramos demonstrar que esses conteúdos têm o potencial de contribuir imensamente para a discussão de questões urgentes, concernentes ao cárcere no Brasil.

Referências

ANASTASSAKIS, Zoy. SZANIECKI, Barbara. "Conversation dispositifs: towards a transdisciplinary design

anthropological approach". In: Smith, R.C; Otto, Ton; Vangkilde, K. T; Halse, J.; Binder, T.; Kjaersgaard, M. G. (orgs). **Design Anthropological Futures**. London: Routledge, 2016. p. 121-138.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.

AKOTIRENE, Carla. **Ó pa í, prezada:** racismo e sexismo institucionais tomando o bonde nas penitenciárias femininas. São Paulo: Pôlen, 2020.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Passate. **Processos de Ensinagem na Universidade:** Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Editora Univille, 2015.

BARROS, Regina Benevides de; KASTRUP, Virgínia. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

CARRASCOSA, Denise. **Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor:** Literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru. Curitiba: Appris, 2015.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2020.

DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopolícia. **ILHA** -

Revista de Antropologia, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v.13, n.1,2, p.41-60, jan/jun 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41>. Acesso em: 8 fev. 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOREIRA, Vânia Medeiros et al. Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento. São Paulo: Consipire Edições; Prêmio RUMOS Itaú Cultural (2017-2018), 2019.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-171.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros; VELOSO, Verônica. Ação Cultural e Ação Artística: territórios move-dicos. **Revista Brasileira de Estudos da Presença.** Porto Alegre, v.10, n.2, p. 1-21, 2020. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: N-1, 2018.

Recebido em: 20/02/2022

Revisado em: 15/04/2022

Aprovado em: 20/04/2022

Publicado em: 30/04/2022

Vânia Medeiros é doutoranda em Design pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do grupo de pesquisa Estéticas da Memória no século XXI. E-mail: vaniamedeiros@usp.br

Verônica Veloso é doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Pedagogia das Artes Cênicas. E-mail: veronicaveloso@usp.br

Letícia Olivares é mestre em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: leticiamariaor@gmail.com

